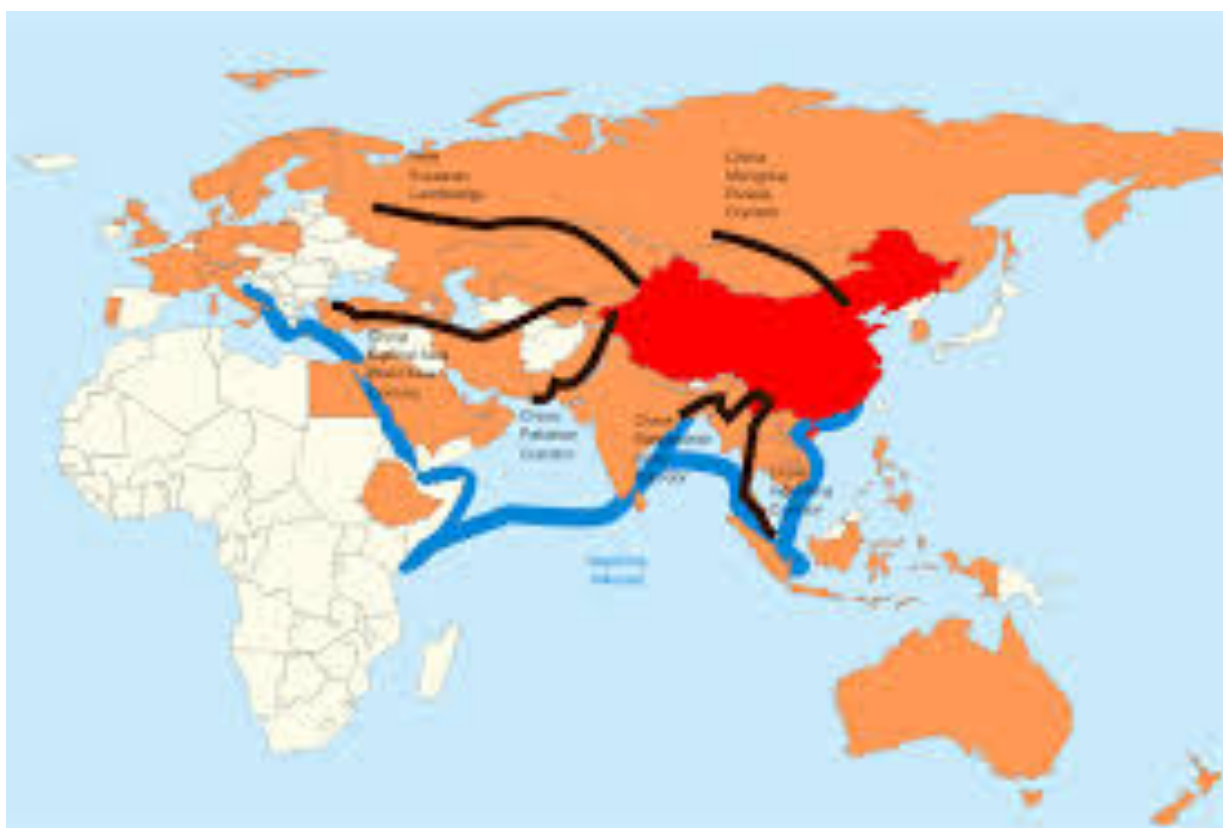


GATE -**GRUPO DE
ACOMPANHAMENTO
DE TEMAS
ESTRATÉGICOS****BRASIL ENTRE DOIS
GIGANTES
ONDE FICAMOS?****LEIA O ARTIGO
COMPLETO
INSTITUTOLULA.ORG****No próximo
número****TETO DE GASTOS E
PISO SOCIAL**

BOLETIM Nº 1



EUA x China: onde ficamos nós?

Qual será a grande potência mundial do século 21? Enquanto Estados Unidos e China buscam formas de acelerar sua influência nas relações internacionais, resta aos países da periferia mundial, como o Brasil alguma escolha de se posicionar entre as duas potências?

Neste mundo pós-Guerra Fria, a diplomacia do dólar ainda rege as finanças mundiais. Mas o centro das relações já está se deslocando do Atlântico para o Pacífico. Qual papel sobra para o Brasil nesta disputa?

Neste boletim você encontra uma síntese do artigo. Para ler o trabalho completo visite institutolula.org

O papel periférico da AL

Brasil e América Latina ocupam papel periférico na divisão internacional do trabalho e no sistema de poder mundial. Somos exportadores de matérias-primas de baixo valor agregado. O Chile exporta cobre, a Venezuela depende da exportação de petróleo, a Colômbia exporta café, o Brasil exporta soja e minério de ferro, entre outros, a Bolívia se torna importante pelo lítio e assim sucessivamente.

• Pacífico é o novo centro

Com o centro das relações comerciais em transição do Atlântico para o Pacífico, o extremo oriente ganha papel central. Problema para o Brasil em particular. Voltado ao Atlântico, até hoje enfrenta dificuldades logísticas pela via do Pacífico.

• Nova Rota da Seda

Ao contrário dos EUA, que sempre tiveram uma política de relações comerciais diferente para cada parte do mundo, a estratégia chinesa mais abrangente, expressa na “Nova Rota da Seda”.

• O dilema brasileiro

Por um lado é impensável entender a América Latina sem sua relação comercial com a China. Mas ao mesmo tempo também é inimaginável desprezar a influência estadunidense no pan-americanismo representado pela OEA.

• Integração regional

Se a integração regional é uma possibilidade de buscar um desenvolvimento autônomo – colocando o crescimento com distribuição de renda como centro de uma nova estratégia – tanto o aprofundamento da dependência histórica (com os EUA) ou de uma nova dependência (com a China) só tornariam mais difícil essa via da integração regional.

Conheça os pesquisadores

- **Adhemar Mineiro** é economista, doutorando do PPGCTIA/UFRRJ, assessor da REBRIP e membro da Coordenação da ABED-RJ, e do Grupo de Reflexão sobre Relações Internacionais/GR-RI.
- **Carlos Eduardo F. Silveira** é economista, doutora em Economia pela Unicamp e ex-diretor do IPEA
- **Julia Tibiriçá** é internacionalista, mestra em Ciência Política/ USP e doutoranda em Relações Internacionais pelo Programa de Pós Graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas.
- **Luís Fernando Vitagliano** é cientista político, doutorando em Ciência Política pela Unicamp e professor universitário